

Fotos: Victor Andrade/Divulgação



Santuário da natureza

Principal estrela do Pólo Ecoturístico Lagamar, a Ilha do Cardoso, localizada no extremo sul do litoral paulista, tornou-se um exemplo de preservação e mantém intacto um riquíssimo ecossistema, formado por manguezais, praias, restingas e cachoeiras, conservados de maneira exemplar pela comunidade local. Págs. 14 e 15

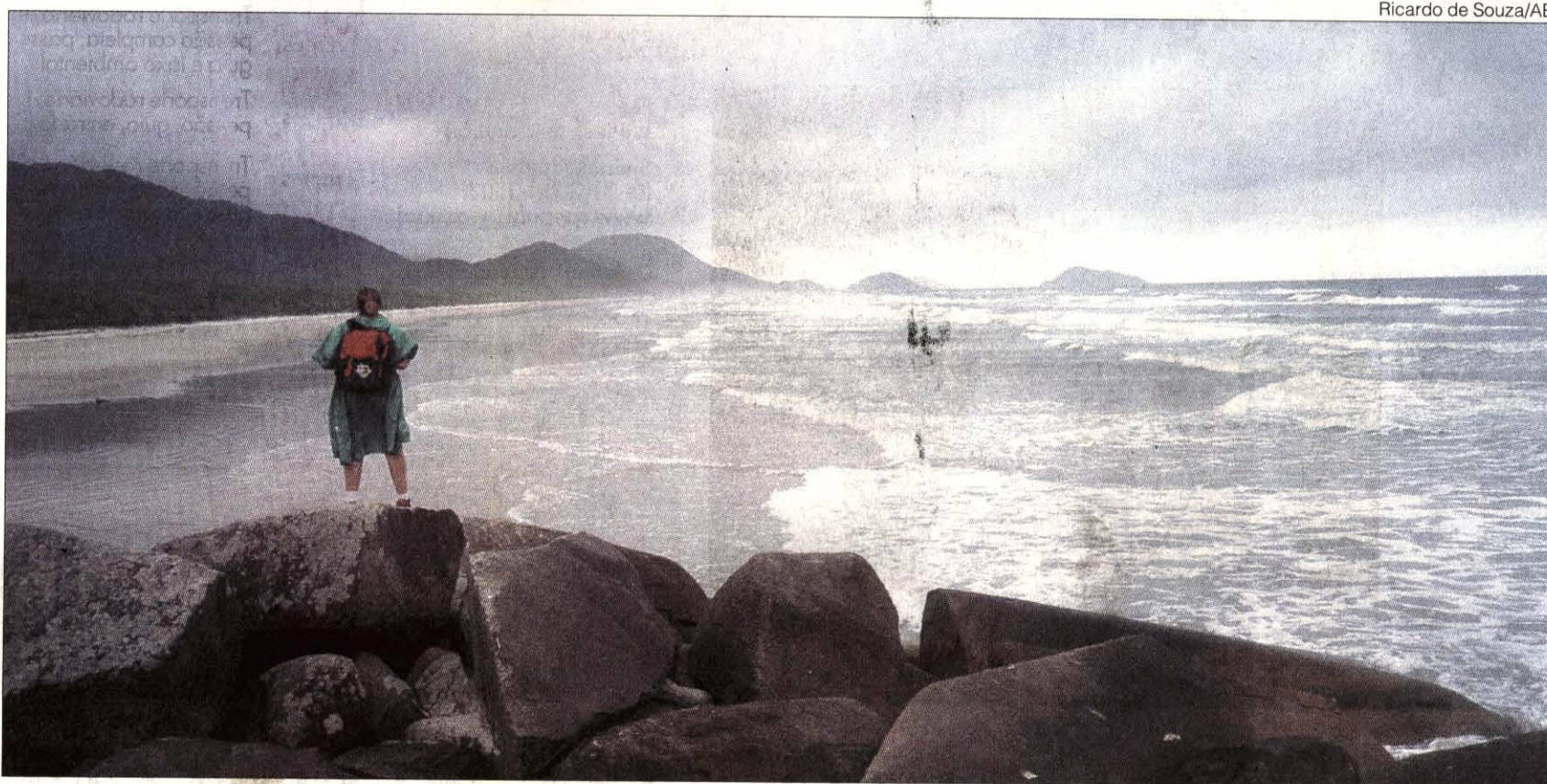


Ilha do Cardoso, um cenário de puro êxtase

Praias, cachoeiras, restingas e muitos animais fazem parte do rico ecossistema local

RICARDO DE SOUZA

Ricardo de Souza/AE



Praia de Lajes, com sete quilômetros de extensão, é uma das maravilhas escondidas na Ilha do Cardoso, a grande estrela do Projeto Lagamar

Victor Andrade/Divulgação

ILHA DO CARDOSO – Depois de quase uma hora de trilha, no meio da mata atlântica, com paradas estratégicas para retomar o fôlego, o som das ondas chega aos ouvidos e apressa os passos. Poucos metros adiante, o cansaço transforma-se num inevitável sorriso, quando surge a intocada Praia de Lajes. Com mais de sete quilômetros de extensão e emoldurada por mata de restinga, Lajes é uma das maravilhas da Ilha do Cardoso, um refúgio ecológico escondido no Vale do Ribeira, litoral sul de São Paulo.

Estar na ilha é uma experiência que pode mudar os valores de quem vive enfiado na cidade. O local faz parte do Pólo Ecológico Lagamar, um dos projetos de preservação ambiental mais bem-sucedidos do País, criado em 1995 pela Fundação SOS Mata Atlântica e patrocinado pela Embratur. Desde então, o pólo, que compreende ainda as cidades de Cananéia, Iguape e Pariqueira-Açu, abriu as portas para o ecoturismo, num trabalho conjunto entre a SOS e as comunidades locais.

No caminho até a Ilha do Cardoso – feito de barco de Cananéia até a vila de pescadores de Marujá –, os resultados do trabalho do Lagamar invadem rapidamente os olhos. Dezenas de quilômetros de mangue compõem um ecossistema riquíssimo, onde vivem animais como tucanos-de-bico-preto, tiês-sangue, jacatiricas, macacos-bugio, o raro papagaio-de-cara-roxa e botos, muitos botos. Com uma área de 19,8 hectares, a Ilha do Cardoso tem 90% de seu território coberto por mata atlântica original. A imensa diversidade biológica inclui ainda rios, lagoas, cachoeiras e restingas.

Após uma hora e meia de percurso, chega-se a Marujá, onde vivem cerca de 300 pessoas. Ao entrar na vila, você deixa para trás todo e qualquer luxo e embarca no clima de rusticidade que do-

mina o local. A hospedagem é feita em casas de pescadores, adaptadas para receber visitantes. Geralmente, os quartos acomodam de três a cinco pessoas. Não há energia elétrica, que é fornecida por geradores e algumas placas de energia solar. Mas o ambiente familiar – a comida caseira é ótima – e a natureza em estado puro tornam qualquer mordomia absolutamente dispensável.

Boa forma – Devidamente acomodado, é hora de desbravar a ilha. Um bom começo é a Praia de Lajes. Mochila nas costas, protetor solar, repelente e um tênis antiderrapante são itens básicos para começar a caminhada. Estar em boa forma é fundamental, já que os percursos podem variar de 8 a 27 quilômetros, incluindo trilhas com vários níveis de dificuldade. O tempo, porém, passa rápido diante do visual espetacular.

Um dos passeios mais disputados na ilha é a visita à Cachoeira Grande. Para chegar à trilha, é preciso percorrer um trecho de barco. No caminho, preste atenção nos montes de cascas de ostras acumuladas nas margens. São os sambaquis, com os quais os índios que habitavam a região construíam casas e enterravam seus mortos. Após uma caminhada de aproximadamente 700 metros, passando por ruínas de antigos sítios de pedra, chega-se à cachoeira, que forma uma irresistível piscina. Um revigorante mergulho é o prêmio pa-

ra o esforço. A noite também reserva boas surpresas para os visitantes da ilha. A principal diversão dos nativos é o animado forró, que geralmente ocorre durante os feriados. Nessas ocasiões, os turistas misturam-se aos locais e compartilham garrafas de caetaia – cachaça curtida numa planta típica, que dá um gosto adocicado à bebida.

■ Viagem feita a convite da Flytour



Percurso de barco até a ilha demora cerca de duas horas



COMO CHEGAR

Para chegar à Ilha do Cardoso, é preciso ir até Cananéia, a 268 quilômetros de São Paulo, pela Rodovia Régis Bittencourt (BR-116). Há uma linha de ônibus que sai às sextas-feiras, da Barra Funda, em horário a combinar com a agência. Em Cananéia, há barcos que fazem o trecho até a ilha. Se chegar à noite, é necessário dormir na cidade e partir pela manhã. O Golfinho Plaza Hotel (☎ 0-13-6851-1655) tem diárias entre R\$ 35,00 e R\$ 65,00.

Ecoturismo melhorou a vida da comunidade

ILHA DO CARDOSO – O Projeto Lagamar trouxe novos ventos para a Ilha do Cardoso. Ventos de modernidade e, principalmente, de prosperidade para os moradores. Se antes a pesca era a principal fonte de renda dos nativos, hoje o turismo rende quase três vezes mais. É fácil encontrar pescadores fazendo obras nas casas para abrigar mais gente. Nos feriados, os quartos ficam sempre lotados. A ilha, porém, comporta no máximo 300 visitantes. Tudo em nome da preservação.

Vivendo há 70 anos na ilha, o pescador Salvador Barbosa lembra dos tempos difíceis, enquanto troca o piso do fundo da casa. “Aqui havia meia dúzia de casinhas de madeira cobertas de palha. Tinha de ir a Cananéia a remo, numa viagem de seis horas”, conta. “Hoje, se pedir para um rapaz sair com você de remo, ele é capaz de matá-lo”, diverte-se.

Para o pescador, a vida ficou “melhor de um jeito e pior de outro”. “Antes a gente podia plantar arroz, feijão, mandioca; hoje isso é

proibido”, lamenta. A proibição da agricultura de subsistência justifica-se por razões ecológicas: por ser um parque estadual, a Ilha do Cardoso só pode receber vegetação nativa. “Por outro lado, hoje tem escola, igreja e telefone”, completa.

A alta piscosidade da região foi a principal responsável pela descoberta da ilha pelo turismo. “Seu” Salvador recorda dos primeiros visitan-

tes a hospedarem-se nas casas dos pescadores. “Nós ‘levamos’ cinco anos trabalhando só com japoneses que vinham pescar”, diz. Desde então, o fluxo constante de turistas não incomodou mais.

Atrás da casa de seu Salvador mora seu genro, Anordo Xavier, de 43 anos, um dos pescadores mais conhecidos do local. Ca-

sado com Cleusa, ele vive há 27 anos na ilha, de onde, garante, não sai mais. “Aqui tenho tudo o que preciso para viver: minha família, meus amigos, comida e sossego”, afirma Xavier, que planeja construir mais quartos em sua casa, que hoje acomoda cerca de 20 pessoas. (R.S.)



Salvador Barbosa: há 70 anos na ilha

Ricardo de Souza/AE

INSTITUTO
 SOCIOAMBIENTAL
 Documentação
 Fonte: OESP (Viagem)
 Data: 18/12/2001 Pg. V13-15
 Class.:

Trabalho conjunto salvou ilha da exploração predatória

União da comunidade, biólogos e ecologistas foi decisiva para o sucesso do projeto

ILHA DO CARDOSO – Localizada no Vale do Ribeira, uma das regiões mais pobres do Estado, a Ilha do Cardoso escapou por pouco dos efeitos irreversíveis da exploração predatória. Se hoje a ilha respira e mantém intactos os seus recursos naturais, deve isso à criação do Projeto Lagamar e, principalmente, à disposição da comunidade local para preservar seu modo de vida e, ao mesmo tempo, abraçar o ecoturismo como forma de sustento.

A importância dos nativos no esforço de preservação da Ilha do Cardoso é o grande orgulho de Mario Mantovani, diretor de Relações Institucionais da Fundação SOS Mata Atlântica. “Considero o Conselho de Gestão o fator mais importante para o trabalho realizado na ilha”, afirma Mantovani. O conselho é uma instância composta por moradores, responsáveis pela avaliação das intervenções feitas no local.

“A comunidade está se capacitando para fazer diagnósticos e entender a importância do ecoturismo, não de uma maneira técnica, mas na linguagem deles”, explica o diretor. Para ele, se essa iniciativa fosse tomada antes, os resultados teriam surgido mais rapidamente.

Graças ao Conselho de Gestão, os moradores da Ilha do Cardoso têm autonomia para definir os rumos da exploração turística do local. Entre as decisões tomadas estão os limites para a ampliação das casas, a quantidade de visitantes que pode entrar na ilha, a proibição da construção de pousadas por pessoas de fora e os lugares restritos para a prática de camping. Alguns moradores defendem a proibição das barracas. “Muitos trazem drogas e bebidas e incomodam os



Fotos: Ricardo de Souza/AE

A Cachoeira Grande é um dos espetáculos naturais da ilha

moradores”, reclama o pescador e dono de pousada Anordo Xavier, pai de um casal de adolescentes.

Contudo, uma questão está

rondando quem frequenta a Ilha do Cardoso há um certo tempo: o fato de terem se tornado pequenos empresários não estaria mudando a essên-

NA PONTA DO LÁPIS

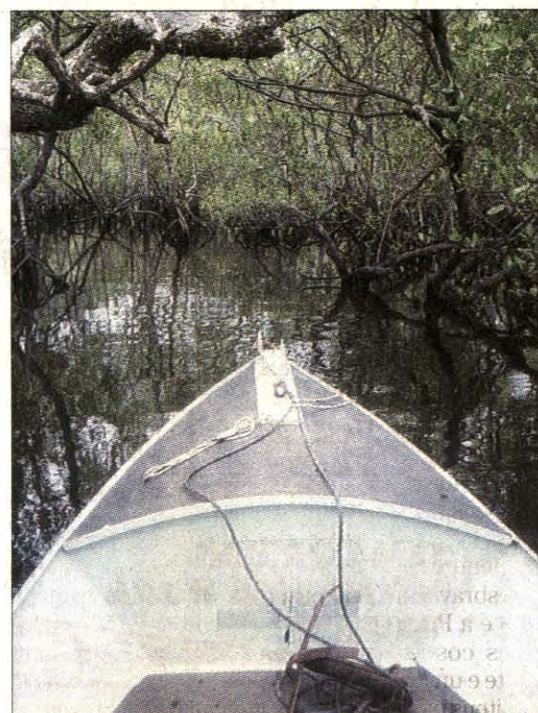
OPERADORA	DURAÇÃO	O QUE INCLUI	PREÇO* (R\$)
Econautas (0--11-6694-3336)	3 noites	Transporte rodoviário, hospedagem com pensão completa, passeio de barco, trilhas, guia e taxa ambiental	393
Flytour (0--11-3365-1908; www.flytour.com.br)	3 noites	Transporte rodoviário, hospedagem com meia pensão, guia, entrada para o parque e trilhas	510
Special Way (0--11-3064-3503; www.specialway.com.br)	2 noites	Transporte rodoviário, hospedagem com pensão completa, passeio de barco, trilhas, guia e taxa ambiental	198

Onde ficar*: A Pousada Ilha do Cardoso (☎ 0--13-6851-1613) tem 7 quartos e cobra R\$ 40,00 pela diária com meia pensão. A Pousada do Sossego (☎ 0--13-6852-1141), que tem 12 quartos, cobra R\$ 50,00 com pensão completa.

* Mínimo por pessoa em acomodação dupla

ArtEstado/Botelho

Paulo Diniz/Divulgação



Apesar da participação no projeto de turismo, pescadores (acima) não abandonam a atividade secular; a preservação do mangue (E) é a peça-chave desse trabalho

da comunidade da Ilha do Cardoso no trabalho de preservação começou em 1995, quando foi criado o Projeto Lagamar. Na ocasião, as quatro localidades abrangidas ofereciam uma infra-estrutura turística precária. O interesse das comunidades foi rapidamente despertado. Cerca de 500 moradores inscreveram-se para participar de workshops de gerenciamento de hotéis e restaurantes, hospitalidade, marketing e de guia turístico, além de participar de reuniões

com biólogos e ecologistas. O fato de conhecerem a região e terem consciência da importância da preservação das belezas naturais foi o fator determinante para o sucesso da iniciativa.

Na opinião de Mantovani, a participação da comunidade impede que haja uma “invasão” similar à que ocorreu em Bonito (MS), por exemplo. “A sociedade assumiu o compromisso e agora é responsável pela seriedade do plano de manejo da ilha”, diz o diretor.

Em 1999, o Projeto Lagamar ganhou reconhecimento internacional. A iniciativa foi premiada pela revista norte-americana *Condé Nast Traveler* – uma das mais importantes publicações do gênero –, que apontou a região como um dos três melhores destinos ecoturísticos do mundo naquele ano. A premiação considerava a criatividade dos trabalhos, a sustentabilidade da atividade turística e a manutenção das tradições locais. (R.S.)

cia dos pescadores? Mantovani diz que não. “A atividade pesqueira é quase secular na ilha e não corre o risco de desaparecer”, acredita o diretor da SOS

Mata Atlântica. “Além disso, não são todos que se dedicam à atividade turística.”

Consciência – A participação